

# Não somos caloteiros

**AUSTREGÉSILIO DE ATHAYDE**

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, considera vexatória a pecha de inadimplente de que não haveríamos de livrâr-nos se deixássemos de pagar, ou mesmo apenas suspender de maneira unilateral, a dívida que contraimos e de cuja absoluta responsabilidade a nação inteira tem consciência. As suas declarações resultaram de uma proposta no sentido de que se faça uma negociação global dos débitos latino-americanos. Acrescentou o ministro Galvães que o Brasil não tem a intenção de entrar para um clube de devedores, espécie de frente única para coonestar um grande calote continental. Isso repugna não apenas aos princípios de ordem ética que devem presidir as relações econômicas do mundo, como também ao sentimento de honorabilidade do povo brasileiro.

Esta nossa América Latina deve mais de trezentos bilhões de dólares aos banqueiros americanos, europeus e japoneses, mas esse dinheiro saiu da poupança do povo confiante na seriedade dos seus devedores. Se esses recusam-se a pagar o que devem, fazendo-o por conta própria, de maneira tristemente desafiadora, não é somente a economia internacional que se desarticula, como todo o sistema financeiro que repousa sobre a decência dos seus negócios. O Brasil não deseja participar de um conluio latino-americano para fazer uma imposição que nos desacredita-ria, de forma contrária a nosso pendor nacional.

O nosso propósito é negociar e renegociar com os credores, e nunca impor-lhes uma solução negativista para escapar de maneira compulsiva à satisfação do nosso débito. Disse Galvães que o caminho a seguir deve ser o da mais rigorosa austeridade, embora isso represente sacrifícios enormes. "O que podemos dizer", afirmou, "é que nos impusemos condições rigorosas. Como o mundo mudou de forma muito ampla com a recessão que se instalou nos países maiores, a questão dos pagamentos internacionais se transformou em problema para as nações com dívidas externas grandes."